

## **REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AUTORREFLEXÃO NA FORMAÇÃO DA(O) DISCENTE E DA(O) DOCENTE**

Bernardo Leivas de Almeida; Jasmin Bruna Stariolo; Ian Klein da Silveira; Rafaela Sales de Paula; Marcia Maria e Silva

*Universidade Federal Fluminense (bernardoleivasa@gmail.com)*

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho é resultado de uma articulação de ideias e experiências de um grupo de estudantes da disciplina Didática, ministrada no segundo semestre de 2017 pela professora Márcia Maria e Silva para alunos de diferentes licenciaturas da Universidade Federal Fluminense (UFF). O objetivo é problematizar como os processos de ensino-aprendizagem vivenciados dentro da sala de aula podem ser consideravelmente potencializados, do ponto de vista de uma educação que se pretenda democrática e emancipatória, quando balizados por um compromisso metodológico autorreflexivo daquelas(es) que compõem esse espaço.

Enquanto licenciando em Ciências Sociais, no quarto período, os diálogos com os colegas de diversas áreas do conhecimento enriqueceram de forma expansiva e intensiva o meu olhar enquanto pesquisador e ser humano. A instigação coletiva vivenciada durante as aulas levou ao convite da referida professora pela continuidade do diálogo, o que se materializa na proposta de formação de um grupo de estudos, no âmbito do Núcleo de Didática e Formação de Professores do qual a ela faz parte.

Indagamos se o ensino médio não seria uma etapa da educação básica que demandaria com urgência o incentivo a uma prática autorreflexiva por parte do discente e do docente. Com esta e muitas outras indagações a maioria do grupo, composto por estudantes da História, Física, Química, Biologia, Ciências Sociais, Letras e Educação Física, teve seu primeiro contato com a obra de Paulo Freire. Mergulhados e, logo de início, em acordo com as ideias do autor, nos propusemos a pensar como todas essas áreas do conhecimento poderiam se engajar em: 1) uma prática pedagógica que subvertesse o modelo de “educação bancária” hegemônico (FREIRE, 1987, 1996), 2) uma perspectiva docente que fosse capaz de reconhecer “no educador o educando, no educando o educador” (FREIRE, 1996), 3) uma perspectiva discente que se visse e se questionasse sobre seu

inacabamento (FREIRE, 1987,1996) e lugar em uma coletividade que não está separada, mas que a constitui e sobre a qual ele(a) pode e deve agir. Um caminho para realizar as ideias freirianas foi sugerido por nossa mediadora: nos permitirmos ser deslocados para o lugar do desconforto, da inquietação, do conflito, da justa raiva (FREIRE, 1987,1996), ou seja, da política.

Analiso três momentos vivenciados coletivamente nessa disciplina. Ao primeiro nos referimos como *aula externa*. Nessa situação, foi proposto pela docente que realizássemos nossa aula numa espacialidade distinta daquela a qual estamos habituados com o objetivo de, posteriormente, refletirmos sobre os ganhos e os obstáculos dessa estratégia pedagógica. Afinal, seria a sala de aula o maior impeditivo à realização de um processo de ensino-aprendizagem emancipatório? Ademais, realizamos uma dinâmica que trouxe elementos fundamentais à elaboração dessa pesquisa. O segundo momento diz respeito a um encontro realizado próximo à metade do curso e sem a mediação da professora, ao qual demos o nome de *aula de autogestão*. Esse encontro foi, sobretudo, fundamental para percebermos que algo diferente, algum processo incomum em uma turma universitária (ou mesmo do Ensino Médio) se manifestava naquele grupo. O terceiro e último foco de nossas análises se caracteriza pela *última aula* que, do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, mostrou os resultados de pessoas contaminadas pelas ideias de Paulo Freire e, portanto, comprometidas com uma pedagogia emancipatória e democrática.

### **É PRECISO DAR UM PASSO À FRENTE: OS EFEITOS DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA ORIENTADA PELO EIXO DA AUTORREFLEXÃO**

Com compromissos dessa ordem, nós, estudantes, aceitamos a proposta de protagonizarmos uma *aula externa*. A aula fora realizada com os estudantes dispostos em roda, sobre um gramado, tendo como vista a Baía de Guanabara e o canto dos passarinhos como trilha sonora. Além do objetivo de subvertermos a lógica mercadológica bancária (FREIRE, 1987, 1996) imanente à sala de aula, recebemos previamente a proposta de nos dividirmos de acordo com as diferentes áreas do conhecimento e montarmos uma aula de acordo com os elementos que aquela espacialidade tivesse a nos oferecer. Os resultados foram surpreendentes por dois motivos: 1) A mudança espacial trouxe sim, um ar mais leve e descontraído àquela experiência educativa. Contudo, nossos corpos denunciavam o desconforto de não saberem se colocar em uma formatação completamente distinta daquela à qual estavam con-formados. 2) Em maioria, os grupos de trabalho se esforçaram em montar suas aulas nos convidando a fazer uma articulação entre os conteúdos por ele apresentados e nossas experiências de vida.

Dando seguimento ao curso, os frutos foram sendo colhidos de modo que abraçamos uma segunda proposta da mediadora de vivenciarmos uma aula baseada na autogestão das(os) discentes. No dia marcado, contrariamente ao que se poderia imaginar em circunstâncias em que a professora estaria em congresso fora da cidade, grande parte do grupo compareceu e sustentou o debate proposto acerca da configuração dos currículos nas escolas. O texto para estudo fazia parte de “Documentos de Identidade, uma introdução às teorias do currículo” (SILVA, 2010). Partimos da problematização do que seria um currículo, passando pelas teorias críticas e pós-críticas, já estudadas no início do curso, encerrando nossas discussões com algumas reflexões sobre a questão do ensino religioso obrigatório nas escolas. Eram as palavras de Freire que tomavam forma:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção (FREIRE, 1996, p. 12).

Nós, docentes e discentes, presenciávamos o aparecimento dos primeiros embriões não de um estudo meramente teórico aprofundado da obra do autor, mas de uma autonomia que havia sido plantada, cultivada, fertilizada desde os primeiros encontros, cujas raízes estavam fincadas nos solos da liberdade e da responsabilidade (FREIRE, 1996.) Eram os embriões de um modo de pensar autêntico, aquele que surge pela eterna busca de si mesmo que, nos seus encontros e desencontros, cultiva o silêncio da própria voz para ouvir esse outro com quem se relaciona. Eram os embriões da *consciência especializada*, consciência intencionada, crítica e problematizadora. Eram os embriões da superação da dicotomia educador x educando (FREIRE, 1968). Aprendíamos pela primeira vez, portanto, a ser protagonistas do nosso próprio processo formativo através do esforço prático e diário de romper com um modelo de educação ancorado no *ato cognoscitivo* exclusivo do educador (FREIRE, 1987).

A *última aula* é a principal base ontológica deste trabalho. Consistira em uma aula de avaliação e autoavaliação. Nós, discentes, deveríamos nos avaliar individual e coletivamente e também avaliar o curso. Ouvimos a avaliação por parte da docente referente a cada um. Além disso, ela havia sugerido que compartilhássemos algum produto ou proposta em uma outra linguagem que falasse um pouco sobre cada um. A professora iniciou a dinâmica trazendo uma poesia com a qual se identificava: Escova, de Manoel de Barros. Em sequência, após outras contribuições, uma discente, relatou previamente ser uma pessoa que passava com uma certa frequência por “crises existenciais”. Sendo assim, trouxe um jogo que tratava de questões muito simples, porém profundas

e pouco usuais no nosso dia a dia, tais como, “Faça uma pergunta que gostaria que todos a fizessem.”, “Elogie uma pessoa”, “Fale sobre alguma questão em você que o incomoda”. A proposta da discente tornou evidente a construção de laços afetivos, de confiança e admiração que haviam sido cultivados ao longo de todo processo. O grupo trocou experiências, compartilhou traumas familiares, medos e angústias. O grupo acadêmico, tornou-se grupo humano, humanizado, cumprindo sua vocação ontológica (FREIRE, 1987).

Qual o lugar do ensino médio nessas reflexões? O peso de uma autonomia (FREIRE, 1996) que é exigida no processo formativo de um pesquisador graduando é sentido por nós discentes. A sala de aula não é o lugar de se colocar como coautor do processo de construção do saber, mas o de comprador da estrutura bancária, pois, afinal, como agir sem estar sob a direção e mando de alguém? Não é o lugar de se engajar no seu próprio processo formativo, mas o de contar regressivamente os períodos, pois, afinal, que processo é esse? Sabemos que o ensino médio falhou e continua a falhar em diversos aspectos. Mas falha, sobretudo, por não ter despertado nas(os) jovens, bem como nas(os) docentes, um olhar autorreflexivo para sua própria experiência social, política, humana. Há algum tempo se reconhece a necessidade do docente exercitar a escuta frente àquele com quem se relaciona, e o educando de reconhecer o seu lugar enquanto coautor do processo de construção do conhecimento (FREIRE, 1987, 1996). Contudo, é preciso dar um passo à frente. Parece urgente diante das mudanças que chegam ao ensino médio que ambos os atores se comprometam com o exercício de escutar a sua própria voz. Foi a postura autorreflexiva da professora que nos aproximou dos nossos conteúdos, dela, dos colegas mas, sobretudo, de nós mesmos. Sendo assim, penso que a Didática se destaca por ser esse campo do conhecimento que potencializa as qualidades da mediação, da *não-verdade*, da escuta do outro, da escuta de si, da política e, portanto, da democracia. E, se no fim, ao menos um(a) Dessa é a voz do sujeito histórico, inacabado, em processo de emancipação e democratização.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*/Paulo Freire, 25ª Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (coleção leitura)

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo*. 3ª Edição. Editora Autêntica. 2010.